

Proletrários de todos os países: UNI-VOS!

Exibente!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Uma grande jornada democrática:

**O GOVERNO FASCISTA REPRIME BRUTALMENTE****AS COMEMORAÇÕES DO 31 DE JANEIRO**

As comemorações do 31 de Janeiro, no Porto, constituíram mais uma potente afirmação da vontade popular de luta pelas liberdades democráticas fundamentais.

Cerca de 10.000 pessoas, apesar da proibição salazarista, concentraram-se dentro e fora do cemitério do Prado do Repouso, em romagem aos mortos da primeira revolução republicana. Esta grande concentração popular, de que faziam parte numerosas delegações de muitos pontos do país, transformou-se numa grande manifestação anti-salazarista.

Junto do monumento aos heróis do 31 de Janeiro depois de um minuto de silêncio em homenagem aos mortos, os manifestantes entoaram o hino nacional seguido de vivas à República, à Democracia, à Liberdade, etc. Ouviram-se de todos os lados gritos de «Unidade! Amnistia! Amnistia! Amnistia! Liberdade para os presos políticos!»

Começaram então as brutalidades das brigadas da PIDE e da PSP que concentraram no local veículos armados de metralhadoras, bombas de gás e um auto-tanque.

A ferocidade das forças repressivas não respeitou ninguém, mulheres e crianças foram espancadas e espezinhadas e muitos manifestantes sofreram graves ferimentos, entre os quais o ilustre candidato democrático às últimas eleições presidenciais, Dr. Ariberto Vicente que as massas populares vitorizaram significativamente.

Os populares, sempre sob os golpes das forças repressivas, dirigiram-se depois em manifestação pela rua de S. Vitor gritando consignas democráticas e abaixo à PIDE, gritos de «Bandidos! Assassinos! Chegará a vossa hora! etc.»

A PIDE procurou ainda impedir que as numerosas delegações fossem saudar o venerando democrata Dr. António Luís Gomes, a quem foram, contudo, entregues moções e representações de saudação e de exaltação unitária.

A unidade anti-salazarista é cada vez mais necessária

A forma brutal como o governo salazarista reprimiu as comemora-

ções do 31 de Janeiro e o que isso significa como intenção de responder às reivindicações democráticas do nosso povo, coloca cada vez mais de maneira premente, a necessidade dum largo entendimento entre as forças democráticas e anti-salazaristas com vista à unificação dos seus esforços e acções numa frente comum de luta contra o salazarismo.

Ante o recrudescimento da re-
(continua na 2.ª pag.º)

REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DO COMITÉ CENTRAL DO P.C. PORTUGUÊS

O Comité Central do Partido Comunista Português realizou recentemente uma reunião extraordinária na qual tomou importantes resoluções com vistas ao fortalecimento político e orgânico do Partido e à condução da luta contra a ditadura fascista.

A NECESSIDADE DO AUMENTO DOS SALÁRIOS NÃO PODE SER ILUDIDA SÓ A LUTA FIRME E ORGANIZADA OBRIGARÁ O GOVERNO E O PATRONATO A CONCEDÊ-LO

Durante o ano de 1959 o brusco aumento do custo de vida e o acréscimo do desemprego agravaram enormemente a situação difícil das classes trabalhadoras.

O azeite subiu no tipo extra dois escudos em litro e o bacalhau vende-se oficialmente a 16 e 18\$20. Mas o desaparecimento do mercado dos tipos mais baratos do azeite e a incorporação dos tipos do bacalhau mais baratos nos outros de preço mais elevado significa de facto aumentos de 3 a 4 escudos no preço destes géneros.

O pão não sofreu oficialmente aumento de preço. Mas porque silenciou o governo a redução do

preço das unidades (25 gramas em cada pão-seco) e porque anulou a exigência da pesagem do pão nas padarias senão para ocultar o verdadeiro aumento de preço deste artigo essencial da alimentação do povo?

O açúcar amarelo foi mantido ao preço de 5\$30, mas não é verdade que a redução de 30%, do contingente lançado no mercado obrigou o consumidor pobre a gastar o açúcar branco a 6\$60 o quilo?

A carne subiu 2 escudos e mais em quilo, o toucinho e a banha passaram de 18 para 20\$00, o contingente de leite mais barato foi reduzido nas grandes cidades em benefício do leite engarrafado de mais elevado preço. O peixe seguiu na mesma esteira.

Aumentaram os transportes colectivos do Porto e as tarifas do Metropolitano de Lisboa significando de facto o aumento dos transportes urbanos da capital. Manobra-se para elevar as tarifas da energia eléctrica no Porto, em Coimbra e em Lisboa e as rendas de casa sofreram aumentos que chegam a atingir os 10%.

É toda uma corrida para a alta dos preços que o governo favorece por todos os meios e que transformam a vida dos trabalhadores num verdadeiro inferno.

Salários de fome e lucros fabulosos

O governo salazarista por intermédio do ministro-polícia, Velha de Macedo, procedeu durante o ano passado à revisão de novos

contratos colectivos de trabalho enchendo a boca com a «melhoria» das remunerações dos respectivos trabalhadores.

«Os operários de lanifícios passaram a ter poder de compra!», «Melhoria substancial dos salários dos operários vidreiros!» Eis o que dizia em grandes parangonas a imprensa vendida ao regime. Mas qual foi a realidade destes contratos colectivos?

Na verdade, na maioria dos casos, os novos contratos apenas sancionaram aumentos já antes arrancados pelos trabalhadores ao patronato e hoje claramente insatisfatórios.

(continua na 2.ª pag.º)

O novo contrato para a indústria vidreira deu aumentos nominais de 20%, mas apenas para o pessoal diário, que representa uma minoria dos operários da indústria do vidro.

No contrato dos lanifícios diz-se que os salários foram aumentados de 25%, Mas sobre que salários? Será bom recordar que os operários da indústria de lanifícios tiveram para se alimentar em cada dia do ano de 1953 um salário médio sem descontos de 19\$10 e que em 1957 esse salário baixou para 16\$30!

É ainda edificante a comparação dos salários ganhos pelos trabalhadores com os lucros confessados de algumas grandes empresas. Em 1957, por exemplo, enquanto um mineiro ganhou em média, sem descontos, 18\$50, um conserveiro 13\$20, um têxtil algodoeiro 18\$40, um operário dos artefactos de malha 13\$20, um cerâmico 18\$70 e

(continua na 2.ª pag.º)

AS EXPLOSÕES DO SAHARÁ PÕE EM PERIGO A SAÚDE DO NOSSO POVO

Explodiu a bomba franco-alemã no Sahará. De Gueulle permaneceu surdo os clamores do protesto de todos os povos do mundo, incluindo o próprio povo francês, e ao espírito da mocção aprovada sem oposição o ano passado no ONU acerca da paralização das experiências atómicas e nucleares.

A explosão do Sahará que não tem qualquer relevo no domínio militar ou científico, constitui, porém, um perigo para as populações aliadas e do próprio povo português pela possibilidade da contaminação radio-activa da atmosfera.

Este perigo foi denunciado pelos cientistas jugoslavos e italianos mas o governo salazarista procurou desviar o nosso povo proibindo todas as referências na imprensa à experiência do Sahará.

Depois da explosão, apareceu no Algarve, região tradicionalmente balizada pelo «cabo» — o terrível vento oriundo do Sahará — alguns sintomas alarmantes de alteração atmosférica. Segundo as próprias conclusões a que chegou a Junta de Energia Nuclear verificou-se em certos locais a existência de «material radioactivo». Por isso foi proibida o utili-

zação das águas da chuva e das fontes do chafariz do Algarve.

Mas o que faz o governo de Salazar? Porque silencia estas perigos? Que medidas foram tomadas para a defesa das populações?

Os militaristas franceses e alemães preparam-se para continuar as experiências experimentais no Sahará, incluindo de bombas nucleares. O salazarismo está a tornar-se tão cômico quanto os seus novos alardes a saúde e a vida do nosso povo, na medida em que não dá qualquer passo junto do governo francês para que las experiências não se realizem, sem prejuízo contra elas.

Unemos as nossas vozes às dos povos africanos e europeus que erguem os seus protestos contra as experiências atómicas no Sahará.

Enviamos representações, cartas, telegramas e postais de protesto à Embaixada da França em Lisboa. Exigimos que o governo salazarista defenda oficialmente junto do governo francês no mesmo sentido e que tome medidas prontas para a defesa das populações que possam ser afectadas pelas radiações atómicas no Sahará.

CONFERÊNCIA DE

S. PAULO

(continuação da 1.ª pág.)

No final a Conferência adoptou as seguintes resoluções:

1ª—Enviar imediatamente um memorando à ONU sobre a situação repressiva em Portugal e Espanha;

2ª—Enviar representações aos parlamentos dos países sul-americanos denunciando esta situação e pedindo a sua intervenção junto das autoridades de Portugal e Espanha, a favor dos presos e exilados políticos dos dois países;

3ª—Enviar a Portugal e Espanha, o mais tardar em Abril, uma ampla e representativa delegação de intelectuais e juristas sul-americanos para reclamar dos governos português e espanhol uma ampla amnistia e visitar os prisioneiros anti-fascistas;

4ª—Convocar ainda este ano uma nova Conferência Pró-Amnistia com carácter sul-americano;

5ª—Formar uma Comissão Executiva Permanente Pró-Amnistia em Portugal e Espanha, representativa dos países representados na Conferência;

6ª—Transformar as organizações representativas na Conferência em impulsoras da luta pró-amnistia em Portugal e Espanha, nos seus respectivos países.

O C. C. do P. P. R. no mesmo tempo que se cumprira pelo êxito desta importante conferência, chama todos os portugueses patriotas, todos os homens e mulheres de coração, todos os amigos e familiares dos presos e perseguidos políticos portugueses a multiplicarem os seus esforços em prol da amnistia e da conjunção dos esforços de todos os amigos da democracia portuguesa no mundo, em particular com os dois participantes à 1.ª Conferência Sul-Americana de S. Paulo, o C. C. do P. P. R. apela para que se envie representações, mensagens e petições ao governo para que promova a amnistia e cesse as prisões e perseguições dos anti-fascistas e para que renuncie por todos os meios aos desígnios de 1.ª Conferência de S. Paulo.

Todos os prisioneiros e ex-prisioneiros anti-fascistas e os seus familiares devem fazer chegar à Comissão Executiva Permanente saída da Conferência de S. Paulo relatos verídicos dos crimes, torturas e ilegalidades cometidas pela PIDE e pelo governo salazarista.

À mesma tempo, é necessário desde já apoiar e facilitar por todos as formas o trabalho da delegação Sul-Americana que se deslocará a Portugal, prontamente organizando contactos e informações que a habilitem acerca da situação repressiva e prisional fascista existente no país.

O nosso povo tem o dever de apoiar todas as iniciativas que visam ajudar a liberdade ao da opressão fascista de Salazar e ajudar a defender a vida e a liberdade dos seus filhos.

Protestemos contra a repressão salazarista!

Reclamemos uma imediata e ampla amnistia política!

31 DE JANEIRO

(continuação da 1.ª pág.)

Opressão salazarista toda a manifestação do divórcio das forças democráticas é um crime, que o nosso povo vai pagando caro com os novos sacrifícios e sofrimentos. É necessário vencer os preconceitos anti-amnistia, por decididamente da lado lado o que divide as forças da oposição a Salazar. É fazer um esforço para organizar sem o qual não é possível actualmente trabalhar para a liquidação do regime da opressão salazarista.

A unidade política é indispensável e Unidade da Unidade! Os anti-salazaristas dão-se conta da indispensabilidade desta condição para derrotar o salazarismo. Por isso se espanta contra o espírito do espírito da grande reunião do Brago e outras acções posteriores.

O Partido Comunista Português ao mesmo tempo que apela para as massas populares para se organizarem e se unem em novas acções democráticas, dirige-se mais uma vez a todas as forças anti-salazaristas para que organizem acções comuns contra o regime salazarista e para que terminem decididamente as discriminações em relação à unidade que tem impedido até agora a aproximação das forças oposicionistas numa larga frente comum de luta.

Unidade! Unidade! Unidade!

SALAZAR E FRANCO UNEM-SE NO TERROR

contra os povos de Portugal e Espanha

Dos mais diversos sectores populares de Portugal e Espanha e da opinião pública internacional erguem-se insistentemente apelos para que cesse o regime de terror fascista e as perseguições por motivos políticos em Portugal e Espanha.

Como respondem os dois ditadores fascistas da Península Ibérica a estes apelos e anseios?

Salazar e Franco respondem com a intensificação do terror e da repressão, com novos atentados às liberdades dos cidadãos, com novas brutalidades contra os seus respectivos povos.

Em Portugal, sob o pretexto de recapturar os 10 patriotas evadidos da Fortaleza de Peniche, Salazar submeteu o país a um regime permanente de estado de sítio, alçou raiosamente os seus esbirros po-

liciais para todas as regiões do país onde, com o auxílio da GNR, da PSP e da PVT, assaltam residências, transportes e transeuntes e espalham o terror entre as populações. Nos últimos dois meses acentuou-se extraordinariamente a atmosfera repressiva sobre o país.

Pacificos portugueses como os que comemoravam o 31 de Janeiro no cemitério do Prado do Reposo no Porto, são brutalmente espancados à espadreira e a cassetete. Nas prisões fascistas reina um regime desumano. Patriotas presos com as penas terminadas há longos anos e outros sem culpa formada, presas políticas cujas vida e saúde correm um grave perigo, medidas terroristas que transformam a vida diária dos prisioneiros num suplício constante.

Ao mesmo tempo os «Tribunais plentários» de Lisboa e Porto, em funcionamento quase ininterrupto, aplicam pesadas condenações a dezenas de cidadãos e cidadãs só por discordarem da política de Salazar.

Em Espanha, o carrasco do povo espanhol, Franco, desencadeou uma nova ofensiva terrorista contra os operários, estudantes e intelectuais espanhóis que reclamam uma mudança pacífica na política nacional espanhola num sentido democrático. Nas últimas eleições a polícia franquista efectuou mais de 300 prisões, principalmente de cidadãos espanhóis que haviam regressado à pátria vindos da União Soviética ao abrigo de um acordo da Cruz Vermelha Internacional com o regime franquista. Ao mesmo tempo o regime de Franco o leva a cabo uma vasta acção provocatória contra as forças anti-franquistas à sombra da qual se cometem novos assassinatos de patriotas.

Não é um facto sem significado que no momento em que recrudescem a repressão fascista nos dois países peninsulares, os governos de Salazar e Franco anunciem a sua criminoso solidariedade e o propósito de coordenarem a sua ofensiva terrorista contra os respectivos povos. A entrevista secreta do ano passado entre os dois ditadores fascistas visou o mesmo objectivo.

Salazar e Franco cada vez mais temerosos da luta patriótica contra os seus regimes de opressão sobre a sua unidade no terror contra os seus povos.

A esta unidade de criminosos devem os dois povos irmãos de Espanha e Portugal responder com o estreitamento da sua solidariedade fraternal contra a reacção e o fascismo, com a sua luta intransigente contra os dois tiranos que expulsam e martirizam Espanha e Portugal, até que vigore na Península Ibérica a liberdade e a democracia.

Ao nosso povo cabe a tarefa fundamental de combater a repressão e o terror salazarista, de liquidar o regime de opressão de Salazar e estabelecer no país um clima de pacificação e de concordia.

A ILEGALIZAÇÃO DO P. C. MARROQUINO

é um atentado à democracia

«O posto era da lei e heroico Partido Comunista Marroquino».

Os valentes comunistas marroquinos lutam duramente pela independência do seu país, pela libertação do seu povo das cadeias do colonialismo francês e espanhol. Como se dizia na carta do C. C. do Partido Comunista Português ao C. C. do P. C. Marroquino de 5 de Dezembro último: «A ilegalidade do P. C. Marroquino não é um programa patriótico, das suas acções quotidianas a favor da democracia e da completa independência nacional, e ninguém no mundo poderá contestá-lo».

A ilegalização do P. C. pelos governos da Marrocos, depois do tribunal da 1.ª Instância de Casa Blanca reconhecer a sua legalidade, é um atentado à democracia e um passo para o fascismo, o que não abona nem prestigia em nada o governo do velho Estado independente do Norte de África.

O P. C. Português que sempre não serviu há longos anos, o que significa a legalidade fascista, ao mesmo tempo que endereça ao P. C. Marroquino os protestos da sua solidariedade fraternal, apela para todos os portugueses anti-fascistas para que protestem contra a ilegalização do P. C. M., escrevendo para a Embaixada de Marrocos — Rabat —, para: «S. E. Abdellah Ibrahim, Presidente do Conselho de Marrocos» — Rabat —.

A luta contra a ilegalização do P. C. M. é um dever internacional da classe operária portuguesa e de todas as pessoas progressistas do nosso país.

AMIGOS! DEMOCRATAS!

AUXILIAI FINANCEIRAMENTE O PARTIDO COMUNISTA

O apelo lançado no último número do «Avante!» sob a designação de «Campanha da Conquista da Liberdade» obteve o acolhimento de todos os amigos e admiradores do Partido Comunista Português. Esta campanha de um mês, ligada ao êxito da fuga dos 10 patriotas da fortaleza de Peniche e para ajudar a defendê-los, encerra-se assim com um assinalável resultado financeiro.

Entretanto a recolha de fundos para o Partido Comunista Português não pode terminar com a campanha «Conquista da Liberdade». Impõe-se continuar o auxílio financeiro ao Partido, organizar e multiplicar as iniciativas de recolha de fundos e apelar para a contribuição de todos os patriotas e democratas, de todos os que desejam ver Portugal libertado da opressão salazarista.

Salazar mobiliza contra o Partido Comunista poderosos meios, procura por todos os modos angustiar os militantes que lutam na clandestinidade e suprimir e abafar a voz do Partido.

Para resistir valoriosamente, o Partido Comunista Português necessita de recursos importantes e não dispõe de outra fonte que não seja as massas populares, os trabalhadores e as pessoas progressistas do nosso país.

Comarada! Amigo! Contribui para o Partido Comunista Português!

Dirige-te a todos os teus amigos, a todas as pessoas das tuas relações que se opõem a Salazar e solicita-

lhes a sua ajuda financeira. Organiza nas fábricas, oficinas e escritórios, nas herdades, escolas e bairros populares, entre a intelectualidade progressiva, grupos de «Amigos do Avante!» que contribuam regularmente para o Partido Comunista.

Auxiliar o Partido Comunista Português é ajudar a construir o futuro de Portugal!

NECESSIDADE DO AUMENTO DOS SALÁRIOS

(continuação da 1.ª pág.)

um assalariado agrícola 10540 — o que pressupõe terem havido milhares de operários e operárias com um salário inferior a estas médias

— 20 grandes empresas que tiveram lucros confessados superiores a 20.000 contos, obtiveram em conjunto 1 milhão 101 mil e 73 contos de lucros, quantia que chegava, ela só, para dar um aumento de 35900 diários a cerca de 100.000 operários. Aparece assim claro que os salários dos trabalhadores são mantidos num nível de miséria para que os grandes financeiros e monopolistas protegidos por Salazar, abarquem criminosamente os cofres.

Organizemos a luta

Só pela luta os trabalhadores conseguiram obrigar o patronato e o governo a aumentar os salários. Os operários industriais e agrícolas e a massa dos empregados e do baixo funcionalismo não têm outra alternativa senão organizar em cada fábrica e herdade, em cada escritório e repartição a luta firme pela

elevação imediata das suas remunerações.

É urgente que os trabalhadores se organizem, discutam as suas reivindicações e as defendam corajosamente junto do patronato, das autoridades, dos sindicatos e casas do povo. Os sindicatos e casas do povo devem tornar-se pontos de reunião dos trabalhadores para a discussão dos seus agudos problemas e a formação dos seus organismos. Mas mesmo nos locais de trabalho ou outros, tais assembleias são possíveis.

As direcções dos sindicatos devem ser pressionadas, pela acção das massas, para que defendam e apoiem as reivindicações dos trabalhadores.

As donas de casa devem organizar a luta contra a carestia em cada bairro, morando ou rua. Que se formem comissões contra a vida cara e se exija a redução dos preços pelo redução dos lucros dos intermediários e armadores.

A conquista do aumento de salários não será feita. Os trabalhadores devem pôr em prática com firmeza as formas de luta que resistirão de paradas e de o governo salazarista tornarem ilegalizadas até que os seus justos reivindicações sejam atendidas.

AS CLASSES TRABALHADORAS LUTAM POR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA

Lutas vitoriosas contra o desemprego e por melhores salários

De Norte a Sul do país prossegue, em escala ascendente, a luta da classe operária e dos outros trabalhadores por um aumento geral dos salários e contra o desemprego. O encarecimento do custo de vida, a falta de trabalho, o desrespeito do patronato explorador pelos horários de trabalho forçam os trabalhadores portugueses a unirem-se cada vez mais e organizarem a defesa dos seus interesses vitais.

Lutas e vitórias dos metalúrgicos

Em Janeiro mais de 300 operários da empresa Perry & Son concentraram-se junto dos escritórios para reclamar mais uma vez uma rápida resposta da gerência sobre o aumento de salários pedido. Os operários mostraram a sua decisão de exigirem uma resposta rápida e ouviram-se várias vezes, dizendo que se iria para a «cerra». Esta ideia começou a circular rapidamente... Poucos dias depois veio a resposta da gerência: todos os operários que ganhavam menos de 80000 recebem um aumento de 6500 por dia, com excepção dos aprendizes, que recebem só mais 1500 e outros 2520.

A conquista deste aumento foi o resultado da firmeza dos operários, da sua unidade de acção em Cacilhas e Lisboa.

Os operários metalúrgicos da CUF, de Lisboa, fizeram também uma exposição ao patronato a pedir aumento. O tubarão Manuel de Melo teria respondido a este justo pedido com a afirmação que não dava aumento «porque os operários não davam rendimento».

Os operários da Comp. Portuguesa de Pesca, bem assim como os das empresas de navegação «Nacional» e «Colonial», esperam uma resposta às exposições que fizeram a pedir aumentos. Estão na firme disposição de prosseguirem na luta até conseguirem os aumentos pedidos.

PROTESTO DOS ESTUDANTES DO PORTO

A transferência do Centro Universitário do Porto para a Universidade do Porto, com a nomeação superior dos delegados, continua a ser motivo de descontentamento e de protestos por parte da massa estudantil desta cidade. Na Faculdade de Medicina realizaram-se assembleias numerosas onde o problema foi largamente debatido. Como conclusão foi resolvido não aceitar as nomeações de estudantes para o C.U.P. Posteriormente foi realizada nova assembleia, em que o conjunto dos alunos, elaborando um abaixo-assinado, foi eleito um Comité de 6 jovens estudantes que formam a Comissão Reorganizadora da Associação Académica da Faculdade de Medicina do Porto, ideia que tem sido apoiada por quase todos os estudantes desta Faculdade. Os estudantes da Medicina receberam também apoio em contacto com outras faculdades, no sentido de utilizarem os esforços para uma acção comum pela reorganização das Associações Académicas.

Paralisação na Parada Monteiro

Os operários da empresa Parada Monteiro enviaram uma comissão à gerência para pedir aumento dos salários. Como os patrões tivessem negado o aumento pedido, no dia 9 de Novembro os operários paralizaram durante alguns minutos como protesto. O encarregado geral fez ameaças de tipo policial, quando os vius suspender o trabalho. Os trabalhadores desta empresa querem aumento dos salários e direito a uma sapa, como sucede nas oficinas de Pero Pinheiro.

Em resultado da acção desenvolvida pelos mineiros de S. Pedro da Cova, os seus salários foram aumentados de 2500 por dia e outros operários tiveram aumentos de 3550 e 2500, e os rapazes a insignificância de mais 550. A vitória conseguida encheu de alegria toda a classe, que se mostra disposta a prosseguir na luta por um novo Contrato Colectivo com salários

Os assalariados agrícolas lutam contra o desemprego

O desemprego só no Alentejo e Ribatejo deve ter atingido para cima de 50.000 trabalhadores rurais. Particularmente no Alentejo, a situação tem-se agravado, devido ao facto dos grandes agricultores empregarem cada vez mais máquinas, alargarem as áreas de pastagem e de pouca mão-de-obra para as tarefas mais pesadas.

Os operários agrícolas do Conselho do CORUCHE dirigiram uma exposição colectiva ao ministro das Corporações onde reivindicam:

- a) a garantia dos 6 dias de trabalho por semana;
- b) um salário mínimo de 30500 para os homens e 20500 para as mulheres;
- c) os oito horas de trabalho.

Na apanha do pinhão, no COUCO, os trabalhadores lutaram por um salário de 40000 e os rapazes de 30000, que saíram conquistados essa luta.

Em ALJUSTREL o agrário Manuel Costa despediu um rancho de mulheres que trabalhava a exportar fruta para o estrangeiro. Mas o rancho não se deu por despedido e durante 3 dias lá apareceu a trabalhar. O agrário disse que só lhes daria trabalho se aceitassem baixar a terra para 2500. As mulheres foram assim forçadas a abandonar o trabalho.

Em MONTEIRO-DO-NOVO, em Janeiro, cerca de 200 trabalhadores concentraram-se várias vezes na Casa do Povo, acabando por conseguir a sua distribuição pelos agricultores, em limpeza de árvores, arranque de mato, etc.

Em ALPIARCA, 500 trabalhadores desempregados concentraram-se em frente da Câmara, a pedir trabalho.

No ERVILHAL, havia cento e tal pessoas sem trabalho, mas devido aos seus protestos lá foram empregadas nas estradas mais de 80.

Em AVIÇ, no dia 3 de Janeiro, uma comissão de 10 trabalhadores de Alentejo foram falar com o vereador da Câmara a pedir trabalho, que se recusou. No dia

A luta da classe corticeira

A classe corticeira, particularmente na Margem Sul do Tejo, onde se encontra concentrada, está a reaninhar a sua luta e a conseguir algumas vitórias. A exportação e a produção de lutas dos corticeiros devem levá-los a unir cada vez mais os seus esforços junto do patronato, dos Sindicatos e do governo, no sentido de conquistarem melhores condições de vida.

Na fábrica de cortiça de Alentejo e Mira, o Alhoas Vedras, deu uma concentração havia cento e tal pessoas sem trabalho, mas devido aos seus protestos lá foram empregadas nas estradas mais de 80.

Em AVIÇ, no dia 3 de Janeiro, uma comissão de 10 trabalhadores de Alentejo foram falar com o vereador da Câmara a pedir trabalho, que se recusou. No dia

mais elevados.

Também os mineiros de Aljustrel elegeram uma comissão reivindicativa que, acompanhada por mais de 100 mineiros, se avistou com a direcção do Sindicato. O presidente da comissão administrativa (o agente da PIDE Amadeu) fez-se doente para não aparecer aos trabalhadores. As exigências da luta devem levar os mineiros de Al-

justrel a prepararem-se para fazer uma nova concentração no Sindicato e expor os seus objectivos: aumento de 15000 nos salários e readmissão dos mineiros despedidos.

No dia 6 de Janeiro mais de 70 mineiros de S. Domingos, com uma Comissão de 10 mineiros à frente, concentraram-se no seu sindicato, como protesto contra o roubo feito nos seus salários de \$50 por dia, que a gerência vem fazendo desde há 3 anos. O roubo, no conjunto dos mineiros, somará já mais de 500 contos, pertencendo mais de 400000 a cada mineiro. O presidente do Sindicato telefonou para a gerência e esta respondeu que iria escrever para Londres, que esperassem a resposta dos patrões ingleses. No dia 22 de novo voltaram os mineiros ao Sindicato, mas os Amadeu recusou-se a recebê-los. Os mineiros exigiram então a comparencia do delegado do INTIP, mas o presidente disse que não se responsabilizava pela chamada do delegado enquanto não viesse uma resposta de Londres, que o melhor era esperar. Em vista desta posição da direcção do Sindicato, os mineiros resolveram organizar novas concentrações, em maior número, até alcançarem as suas justas reivindicações.

OUTRAS ACÇÕES REINDICATIVAS

Os empregados administrativos das companhias de navegação (Comp. Colonial, Nacional, Sociedade Geral de Insulana) entregaram no seu Sindicato um abaixo assinado com mais de 300 assinaturas, no sentido de lhes serem aumentados os ordenados.

Também os operários das oficinas da C.P. no BARRIO enviaram uma carta à direcção do seu sindicato para que este convocasse uma assembleia geral e lhes daria conta da sua acção. Para essa carta foram recolhidas 200 assinaturas logo no primeiro dia.

NOVO PLANO PARA O ENSINO PRIMÁRIO OU A CONFISSÃO DA FALÊNCIA DUMA POLÍTICA

De novo as colunas da imprensa diária se encheram de grandes títulos. «Um plano de vasto alcance para a construção de 8.100 edifícios e 15.000 salas de aula. Mas o preâmbulo do Ministério da Educação Nacional, ao novo decreto, é uma confissão da falência de uma política, no domínio de instrução popular.

Quarenta por cento de analfabetos

Nesse preâmbulo o ministro da Educação Nacional é forçado a declarar que o aumento da população que procura instrução se tornou insustentável e número de escolas existentes no país é desactualizado o célebre «plano dos Centenários». Isto quer dizer que o governo do Salazar não dedicou ao ensino as verbas necessárias para vencer esta luta contra a ignorância. A falência da política de ensino é a totalidade dos países de Europa: POSSÍMOS QUARENTA POR CENTO DE ANALFABETOS. E se vivermos em conta uma afirmação do sr. Veloso de Macedo, quando era subsecretário de Educação Nacional, vemos que a baixa que se operou no número de pessoas que não sabem ler foi de 50 por cento, para os países mais desenvolvidos, os elementos mais idosos da população que não puderam frequentar a escola.

Só 23 por cento da população escolar primária frequenta o ensino secundário e técnico

Expressão dessa confusão é o fenómeno que o país vive, e que o senhor ministro não ousou confessar, é ainda o número de alunos do ensino primário que tem acesso às liceus e escolas técnicas.

Numa população escolar de 115.000 crianças, que fazem escola de quarta classe, só 12.500 entram nos liceus e colégios e 16.000 nas escolas técnicas. Para que a escolarização escolar, até à quarta classe, possa ser uma realidade, tendo em vista a situação de sexo feminino, é necessário, por exemplo, de 1.000 professores, além dos 200 que actualmente são necessários, dada o crescimento da população infantil, em idade escolar. Carece igualmente de 2.000 salas de aula, que não existem, e não ser no «plano dos... centenários».

Um plano que felhou e outro que ameaça falência

Faço justiça ao senhor ministro. Ele não escondia o fracasso desse plano de ensino e plano... dos centenários, embora tenha escondido as causas verdadeiras que o determinaram.

Foi em 1928, segundo ele confessou, que se lançaram as bases para um vasto plano de instrução pública. Em Maio de 1928 adoptou-se o «plano dos centenários» que foi aprovado, em reunião de conselho de ministros em Dezembro de 1928.

Este plano, que ficou conhecido pelo «plano... dos centenários», dispunha-se a construir, no prazo de 10 anos, 7.180 edifícios com 12.500 salas de aula. Ao fim de 20 anos o senhor ministro teve de reconhecer que o plano... estava desactualizado; construíram-se apenas, NO DOBRO DO TEMPO, 3.962 edifícios dos 7.180 que estavam planeados e 8.274 salas de aula, das 12.500 que foram rotundamente prometidas em discursos e cartazes de propaganda. Quer dizer, mais um «plano» falido!

E agora o que se irá passar?

Agora há um novo plano, que é, tal como o senhor ministro afirma, a continuação do «plano... dos centenários». Não temos o direito de nos interrogar, de duvidar, de perguntar se viverá tão facilmente no papel como os seus antecessores. Temos sim o direito de perguntar se este plano é o suficiente para eliminar o analfabetismo, para pôr cobro à ignorância, ao atraso em que o país vive, pela as verbas e os prazos para a sua execução são de dimensões que em muito se assemelham ao do «plano... dos centenários».

Ora só falta dizer ao senhor ministro, o «novo» plano de construção de escolas a levar, só mais... 41 anos a realizar!

O SOCIALISMO EM MARCHA

10.º ANIVERSÁRIO DO PACTO SOVIÉTICO-CHINÊS

Os povos soviético e chinês acabam de comemorar festivamente o 10.º aniversário do «Pacto de Amizade e Ajuda Mútua» que liga a poderosa União Soviética à grande China Popular.

A amizade soviético-chinesa é uma sólida garantia de paz mundial e uma fonte de impetuoso progresso do vasto campo socialista.

A ajuda fraternal da União Soviética à China Popular tem permitido a esta, com a força e o entusiasmo criadores do povo chinês, transformar-se numa grande potência industrializada e avançada. Contra essa sólida amizade têm-se desfeito como ondas de espuma as manobras divisionistas do imperialismo que teimosamente se recusa a reconhecer o papel de grande potência da China Popular.

Mas a grande China conquistará o seu lugar no concerto dos povos de todo o mundo e faz e fará pesar cada vez mais a sua influência pacífica nas relações entre os povos.

Todos os portugueses progressistas saudam com calor o 10.º aniversário do «Pacto de Amizade e Ajuda Mútua» soviético-chinês que sela a amizade indestrutível dos dois grandes povos socialistas.

A UNIVERSIDADE DA AMIZADE DOS POVOS

A União Soviética acaba de anunciar a criação em Moscovo da «Universidade da Amizade dos Povos» a abrir ainda este ano. Esta Universidade destina-se a ajudar os povos sub-desenvolvidos da Ásia, África e América do Sul na formação dos seus quadros técnicos e administrativos.

Este ano frequentarão a Universidade 500 alunos e nos próximos anos 3 a 4.000.

O ensino será completamente gratuito, como aliás todo o ensino soviético, e aos estudantes será pago um subsídio de manutenção, assegurados alojamentos e pagas as passagens de ida e volta dos seus respectivos países.

Os manuais serão editados nas línguas maternas dos estudantes.

A criação da «Universidade da Amizade dos Povos», que permitirá a formação de milhares de engenheiros, médicos, cientistas, economistas, etc., é mais uma demonstração significativa da política soviética de ajuda aos povos sub-desenvolvidos para que se libertem rapidamente do atraso em que os têm mantido o colonialismo odioso e para que conquistem a sua plena independência económica e política.

AS BASES ALEMÃS EM ESPANHA

Nova conspiração contra a Paz

O conhecimento público das delegações do governo de Adenauer para a criação de bases militares na França, Dinamarca, Bélgica e Noruega e a denúncia das negociações secretas entre os governos de Bonn e de Madrid para o estabelecimento de bases semelhantes em Espanha põem em relevo uma nova e sinistra conspiração contra a paz, urdida pelos revanchistas de Bonn e em estreita colaboração com os governos fascistas de Franco e Salazar e os círculos reaccionários dos países em questão.

Justamente se dizia no último número do «Avante!» que «o militarismo alemão, em franco ressurgimento, conta com todos os remanescentes do fascismo, como Salazar e Franco, para prepararem uma nova chacinha mundial».

Visitas a esta luz assumem uma feição muito mais concreta e significativa as visitas do ministro alemão Strauss a Portugal e a do antigo espião nazi, actual ministro de Salazar, Marcello Matias, à Alemanha Federal e à Espanha franquista. Bem esclarecedoras são também a construção duma base alemã de foguetes atómicos em Bilbau, a fabricação de armas automáticas para a Alemanha de Bonn em Espanha e de munições, que ascendem a 120.000 contos, em Portugal.

Os criminosos contatos do governo de Adenauer e dos nazistas alemães com os fascistas peninsulares constituem uma ameaça para a Paz mundial e para a independência e vida pacífica dos povos de Espanha e Portugal.

No momento em que a União Soviética e os governos ocidentais preparam uma conferência de alto nível e passos importantes foram dados para diminuir a tensão internacional e pôr fim à guerra fria, as delegações do governo de Adenauer são um acto de hostilidade contra a política de paz que se desenvolve à escala do mundo, trazem o desespero da reacção alemã, empenhada em manter o foco de provocação localizado em Berlim-Oeste, em aniquilar a República Democrática Alemã e continuar a política de guerra e de calúnias anti-soviéticas.

O governo da Alemanha Ocidental procura, com a connivência dos círculos reaccionários dos Estados Unidos, Inglaterra e França, continuar a política fracassada dos militaristas do Pentágono, que as

forças da Paz do mundo inteiro obrigaram a sérios recuos.

Para o governo de Bonn a teoria do espaço vital do tempo de Hitler foi substituída pela teoria das «bases de aprovisionamento e de apoio» em território de outros países.

Porém os tempos mudaram radicalmente.

As forças da Paz, encabeçadas pela poderosa União Soviética, têm hoje a força suficiente para arrefecer as cabeças esquendadas dos loucos imperialistas e para esmagar qualquer acção agressiva contra os países socialistas.

A conspiração dos reaccionários fascistas de Bonn e da Península Ibérica virá-se antes de mais nada contra os povos portugueses e espanhol. Daqui a urgente necessidade de impedir por todos os meios que os dois países se transformem em praças de armas dos militaristas alemães e americanos.

As alemães e americanos.

Só a luta consequente dos povos de Espanha e Portugal contra a política de guerra de Franco e Salazar, só a sua união fraternal por cima das fronteiras contra os perigos e ameaças comuns que pesam sobre a sua independência, podem conjurar as intenções agressivas e anexionistas dos reaccionários de Bonn em relação à península Ibérica.

O nosso povo deve protestar contra as criminosas concessões à Alemanha de Adenauer, deve exigir um alinhamento da nossa política externa ao lado das forças da Paz, deve reclamar contra o estabelecimento de bases militares atómicas em Portugal e Espanha.

O povo português não desconfiará pelo caminho perigoso, para onde o quer arrastar o governo salazarista e não permitirá que o arrastem a um tal caminho.

TRIBUNA DO LEITOR

O PROBLEMA DA 'MENDICIDADE'

No dia 20 de Fevereiro de 1960, em Jornal Sonoro, o senhor capitão Oliveira Cascais, referindo-se ao problema da mendicância, expôs com clareza as ideias do governo acerca do mesmo caso.

Começou aquele senhor por afirmar que: «o problema da mendicância é uma rapura e simplesmente um vício e uma maneira de ganhar a vida sem se esforçar, isto é, procurar maneira de arranjar trabalho».

Ora toda a gente sabe, (ou pelo menos uma grande parte) como se encontra o problema do desemprego em Portugal. Não é, pois, de estranhar que se vejam por toda a parte pessoas que não têm trabalho e, por isso mesmo, se vejam na necessidade de mendigar para matar a fome a si e aos seus, por muito que isso os possa desgostar.

E, mais adiante, esse senhor tem o atrevimento de dizer que: «um sergente de pedreiro na cidade de Lisboa ganha aproximadamente 25500 e um mendigo, esmolando, chega a atingir em meio dia a soma de 40 a 60300».

Seguidamente o senhor Oliveira Cascais apela para que o comércio de Lisboa e o povo em geral se recuse a dar esmola a esses «industriais». Sim, «industriais», não é engano!

Pensará também o sr. Cascais que é por gosto que milhares de pessoas vivem nessas miseráveis barracas dos bairros de lata de Lisboa?

Ninguém dúvida dos sentimentos humanitários do povo português e, por isso mesmo, o povo deve rechaçar essa infâmia do sr. Cascais em querer acabar com esse mesmo sentimento que não têm outra finalidade senão querer matar pela fome essa tão grande massa de desempregados que avulta no nosso país.

Não combatemos a esmola em si mas as causas que geram a miséria.

Sabemos também que os fascistas quando nos visitam altas personalidades mandam prender todo e qualquer pedinte que encontrem pelas ruas, para assim dar a ideia de que em Portugal não há miséria, o que toda a gente sabe que é absolutamente o contrário.

Por tudo isto se vê o cinismo das autoridades fascistas.

Só há uma forma de acabar com a vergonha da mendicância: a mudança do regime e do governo fascista de Salazar, protector dos monopólios, por um governo democrático e progressivo que zele os interesses dos trabalhadores e em geral do povo português. Só assim se pode resolver o problema do desemprego, e bem assim o da mendicância.

A) Um jovem comunista

A MORTE DE 186 MINEIROS

MOÇAMBICANOS

NA ÁFRICA DO SUL

Entre os 440 mineiros que ficaram sepultados na mina da África do Sul figuram 196 trabalhadores negros de Moçambique, parte do contingente anual de 100 mil trabalhadores-escravos que o governo de Salazar aluga todos os anos aos exploradores racistas da África do Sul.

A mina é explorada pelos imperialistas anglo-americanos, através do «trust» «South African General Investments and Trust Company».

Quanto às condições em que os mineiros são ali obrigados a trabalhar, dá uma ideia o seguinte telegrama, publicado no «Século» de 27 de Janeiro:

«Sabe-se agora que a mina tem mais de 60 anos, dividindo-se que as galerias abandonadas há longo tempo estivessem escoradas, criando-se ainda que se trabalhou na extração do carvão em ritmo de tal maneira superior ao normal que se deixou para trás todas as possibilidades de segurança. Sabe-se ainda que há cerca de 4 meses a mina já apresentava sinais de insegurança e que, agora, depois dos primeiros aluimentos se continuou a trabalhar».

Diz ainda o mesmo jornal que 10 mineiros foram presos no dia da catástrofe por se recusarem a descer à mina e que 70 outros teriam fugido para escapar à prisão.

Este é o tipo de protecção e bem estar que os colonialistas levam aos povos africanos e é por isso que tantos esforços fazem para se manterem em África. As centenas de trabalhadores mortos nesta mina somam-se a muitos milhares de outras vítimas sobre cujo sangue tem sido amassado, ao longo dos séculos, o domínio e exploração do imperialismo sobre os povos coloniais, domínio e exploração que estão chegando ao fim devido à luta heróica desses mesmos povos pela sua libertação e independência.

QUANTIAS RECEBIDAS DOS AMIGOS DO PARTIDO

No último número do «Avante!» terminou com o resultado de 1.042.545\$80 a campanha «Para os MR Contos». Todos os donativos recebidos posteriormente para esta campanha passaram a ser publicados nas rubricas normais, onde os nossos amigos deverão verificá-los.

Com este número do «Avante!» sai um suplemento da rubrica que lotizava a quantia de 123.103\$00.